

**Folkcomunicação:
a representação cultural e religiosa no nordeste
do folgado popular pastoril**

André Luiz da SILVA¹

Resumo

A Folkcomunicação e a comunicação através do folclore, uma comunicação de nível popular que não utiliza os meios tradicionais de comunicação como TV, rádio e jornal. A Folkcomunicação e a forma pela qual os folgados populares, sejam eles: contos, ritos, artesanato, músicas, grupos folclóricos, autos e outras expressões da cultura popular, apresentam toda a riqueza da cultura popular brasileira. O presente artigo traz uma pesquisa sobre uma das manifestações mais ricas e conhecidos do folclore religioso nordestino, o pastoril, que tem origem na significação religiosa do período natalino. Será apresentado um estudo sobre: semiótica, cultura popular, identidade, folclore e folgados populares brasileiros. No final do artigo será analisada a representação cultural e religiosa do pastoril no nordeste.

Palavras chave: Cultura popular. Folclore. Folgados.

Introdução

A comunicação popular, o conjunto de agentes, meios, métodos e técnicas que se valem os grupos marginalizados e humildes da sociedade, é denominada Folkcomunicação, uma vez que direta ou indiretamente tal sistema está ligado ao folclore. A Folkcomunicação congrega significativas camadas da sociedade, sejam rurais e urbanas, que utilizam os meios da Folk como: folhetos, cantorias, folgados populares, contos, danças, os autos populares e o artesanato, para expressão de idéias e anseios. A Folkcomunicação é um fenômeno bastante forte no Brasil e existente em todas as regiões, isto devido a diversidade cultural existente no país.

O discurso folclórico dos folgados populares, e toda a sua complexidade, não abrange somente a palavra, abrange também as expressões não verbais, comportamentos, muitos, vindos de um passado longínquo que assumem significados atuais e novos, graças a dinâmica da Folkcomunicação.

¹ Bacharel em comunicação social. Aluno do curso de extensão: técnico em cinematografia. E-mail: andrejuliaocg@yahoo.com.br

Através deste artigo iremos fazer um mergulho dentro do universo cultural e religioso de um dos folguedos populares mais ricos do folclore brasileiro, o pastoril. O pastoril aos poucos está desaparecendo, mas, sobretudo na Bahia, Pernambuco e Paraíba esta manifestação cultural ainda resiste através de vários grupos populares formados por agentes e autores originários de camadas humildes que não conseguem ter acesso aos meios tradicionais de mídia para exporem a cultura a qual herdaram dos seus antepassados, e que procuram, através da Folkcomunicação, manter vivas suas culturas e tradições populares.

Semiótica: a ciência que estuda a cultura como um processo comunicativo

Nas ciências humanas os estudos sobre cultura são utilizados para compreender os agentes de processos culturais, o homem. Já a semiótica coloca ênfase nos modos como estes sistemas produzem sentidos e serem comunicativos. Para Santaella (1996, p.27) “Todo o esforço da semiótica se endereça para a investigação dos meios como os mais diferenciados processos de linguagem englobam-se, codificam-se e funcionam comunicativo e culturalmente”.

Neste sentido os agentes desse processo, homens e também animais, já que os animais desenvolvem processos comunicativos, não são um fim, mas um dos elementos que integram a linguagem, e através da cultura o ser humano ou um grupo mantém sua coesão. Seria um sistema que engloba não apenas todas as artes: literatura, cinema, pintura e música, mas também as atividades sociais, comportamentais e também os métodos estabelecidos no sentido da identidade.

No mundo em que nascemos e vivemos temos nossas culturas nacionais que são as principais fontes de nossa identidade cultural. Sobre o processo de formação da identidade nacional Hall (2006, p.49,50) afirma que:

A formação de uma cultura nacional contribui para criar padrões de alfabetização universais, generalizar uma única língua vernácula como meio dominante de comunicação em toda a nação, criou uma cultura homogênea e manteve instituições culturais, como por exemplo, um sistema educacional cultural.

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições nacionais, mas também de símbolos e representações. Estas identidades são pensadas como parte de

nossa natureza essencial. “A identidade nacional também é muitas vezes simbolicamente baseada na idéia de um povo ou Folk puro original”. Hall (2006, p.55).

O discurso da cultura nacional coloca as identidades de modo duvidoso entre passado e futuro, equilibrando-se entre glórias passadas e o impulso em avançar em direção a modernidade. As culturas nacionais restauram as identidades passadas, sendo este o elemento regressivo, anacrônico da estória da cultura nacional. Este retorno ao passado oculta uma luta de mobilização de pessoas para que purifiquem suas fleiras, para que afastem os exteriores, os que ameaçam suas identidades, e para que se preparem para um sentido novo, à frente.

Para a semiótica a função comunicativa é essencial para que a cultura possa se atualizar como tal. Nesse processo os fenômenos culturais só funcionam culturalmente porque também são fenômenos comunicativos. Para Bordieau (2007, p.10) os diferentes sistemas de símbolos, arte e religião, língua são tratados como instrumentos de construção do mundo, são como formas simbólicas, e ao autor completa:

Os símbolos são os instrumentos por excelência de integração social: enquanto instrumentos de conhecimentos e de comunicação (CF, a análise durkheimiana da festa), eles tornaram possível o consenso acerca do sentido do mundo social, que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração lógica e a condição da integração moral.

Os pertencentes ao mesmo grupo social se reconhecem mutuamente através dos símbolos, que são os mesmos, uma identificação percebida e entendida por todos.

Cultura popular: a representação de um povo de uma região

Uma definição para cultura é que seria o conjunto de práticas, técnicas, símbolos e dos valores, uma tradição que se deve transmitir às gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social. A palavra cultura é derivada do Latim, que originalmente significava cultivar, ato de cultivar o solo. Mas historicamente surgiam vários sentidos contraditórios para o termo cultura. O termo cultura popular é um dos termos de maior dificuldade para se definir e esta dificuldade se tora mais explícita porque os próprios produtores desta cultura, as classes populares, não se designam como populares.

Fazendo um breve retrospecto histórico, o termo cultura começou a ter uma maior emergência à partir do século XVIII, onde cultura articula-se ora positiva e ora negativamente com o termo civilização, através de pensadores como: Reymond Williams e Rosseau, este último considerava cultura e civilização dois termos antíticos.

A cultura se faz presente nos povos, ela os representa quando encontra condições de se desenvolver a cultura se alastra, floresce, cresce se faz presente. “Um sinônimo de cultura é tradição, o outro é civilização, mas seus usos se diferenciam ao longo da história” Santaella (2003, p.30). Da combinação perene, viva e ininterrupta, dos cenários de todos os atores de um dado país surge a cultura deste povo, com todas as suas variantes regionais e locais, um mosaico multifacetado de expressões, modos de ser e entender o mundo e de com ele interagir.

Para Bossi (1992, p.16) “Na sua forma substantiva o termo cultura aplicava-se tanto às labutas do solo, a agri-cultura, quanto ao trabalho feito no ser humano desde a sua infância”. A definição de cultura popular é dada justamente por outras classes sociais para definir as manifestações culturais de classes ditas subalternas. A cultura seria a parte do ambiente feita pelo homem pelo qual ele se identifica.

Para os antropólogos a cultura está relacionada as ações , idéias e artefatos que os indivíduos numa tradição aprendem, compartilham e avaliam, uma rubrica geral chamada comportamento ou costumes. “Pensar a cultura popular como sinônimo de tradição é reafirmar constantemente a idéia de que sua idade de ouro deu-se no passado” Arantes (1995, p.17). Alguns pesquisadores mais sofisticados concebem as manifestações culturais como resíduos da cultura “cultura” de outras épocas, filtradas ao longo do tempo pelas sucessivas camadas de estratificação social. Os elementos culturais apresentam uma distribuição geográfica, que define costumes, artes, religião e etc, como pertencentes a estas regiões, mas certo hábito característico de uma região pode ser facilmente absorvido por outra.

As “tradições culturais” permanecem vivas sem uma quebra de continuidade por intermédio da passagem do aprendizado de um individuo par o outro. São as tradições culturais que são compartilhadas de uma geração para outra, mas uma possível quebra nesta corrente de aprendizado leva a cultura ao seu desaparecimento. È justamente esta tradição e o não desaparecimento das culturas populares o principal significado da resistência dos grupos de cultura popular, através da passagem destes valores de geração

para geração, por intermédio de danças, músicas, artesanato e outras manifestações culturais.

O folclore como objeto de estudo da cultura popular brasileira

A cultura brasileira é composta por um processo de interação de velhas culturas, como a negra e a indígena, e de culturas imigrantes, que são as culturas européias, como a portuguesa, a italiana e a alemã. Em síntese, não existe uma cultura brasileira homogênea, existe uma identidade nacional que tem origem no negro, índio e europeu. Toda a riqueza cultural desta identidade nacional é expressada principalmente através do nosso rico folclore, onde as manifestações populares brasileiras, realizadas por grupos populares e que são manifestações tachadas de folclóricas, são as expressões de sobrevivência destes povos.

Sob o processo de formação da cultura brasileira que vive sob o limiar da escrita, Bossi (1992, p.323) afirma que “Certa vertente culta ocidentalizaste, de fundo colonizador, estigmatiza a cultura popular como fósil, correspondente a estados de primitivismo, atraso, demora e subdesenvolvimento”.

O folclore brasileiro, apesar de ter raízes imemoriais, só começou a receber a atenção da elite nacional em meados do século XIX, durante o Romantismo, movimento que prestigiava as singularidades e as diferenças, consagrando os vários povos e tradições como dignos objetos de atenção intelectual.

Naquele momento, acompanhando a mesma onda de interesse pela cultura popular que crescia na Europa e nos Estados Unidos, alguns estudiosos brasileiros, como Celso de Magalhães, Sílvio Romero e Amadeu Amaral, passaram a pesquisar as manifestações folclóricas nativas e publicar estudos sistemáticos. À partir de um primeiro interesse nos fatos da história oral, depois se passou a estudar a música, e mais tarde as festas e folguedos e outras manifestações. Ao mesmo tempo, diversos artistas ligados à elite passaram a empregar elementos da cultura popular na criação de obras destinadas aos círculos ilustrados, como parte de um projeto, estimulado e desenvolvido pelo governo de Dom Pedro II, de construção de um corpo de símbolos nacionalistas que poderia contribuir para a afirmação do Brasil entre as nações civilizadas. As classes superiores nunca foram inteiramente livres da influência da cultura popular, mas obras como por exemplo I-Juca-Pirama, de Gonçalves Dias, e a música de Luciano Gallet e

Alexandre Levy deram a temas do folclore brasileiro um papel de destaque na arte culta, e desde então o interesse pelo assunto só cresceu, e em várias frentes.

O impulso nacionalista rendeu ainda maiores frutos com o advento do Modernismo, quando o folclore passou a ser visto como a verdadeira essência da brasilidade. Mário de Andrade, um dos líderes do Modernismo brasileiro, foi um grande pesquisador do folclore nacional, procurando colocá-lo em diálogo com as ciências humanas e sociais, que naquela altura nasciam no país. Outros nomes influentes ligados ao movimento modernista, como os pintores Di Cavalcanti e Tarsila do Amaral, e o músico Villa-Lobos, também incorporaram elementos folclóricos em suas obras. Mário teve a oportunidade de agir oficialmente pelo folclore, criando a Sociedade de Etnologia e Folclore, quando dirigiu o Departamento de Cultura do Estado de São Paulo entre 1935 e 1938, abrindo cursos para a formação de pesquisadores, onde palestraram eruditos renomados como Lévi-Strauss.

Na década de 1950 essa movimentação se multiplicou em larga escala, atraindo outras figuras ilustres como Cecília Meireles, Câmara Cascudo, Edison Carneiro, Florestan Fernandes e Gilberto Freire, além de estrangeiros como Roger Bastide e Pierre Verger. O movimento folclorista nesta época encontrou a consagração institucional maior na Comissão Nacional de Folclore, fundada em 1947 por Renato Almeida, através de recomendação da UNESCO, vinculada ao Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura e à própria UNESCO.

No contexto do pós-guerra, a preocupação com o folclore se inseria nas iniciativas em prol da paz mundial. O folclore era visto como elemento de compreensão entre os povos, incentivando o respeito pelas diferenças e permitindo a construção de identidades diferenciadas. Como disse Cavalcanti, o Brasil de então orgulhava-se de ser o primeiro país a atender à recomendação internacional no sentido da criação de uma comissão para tratar do assunto. Em 1958 foi instituída a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, órgão executivo do Ministério da Educação, dinamizando os debates e pesquisas através de comissões estaduais de folclore, e adotando a prática de engajar colaboradores do interior, mesmo que fossem diletantes, uma vez que se considerou que a intimidade deles com a cultura interiorana contrabalancearia a sua falta de especialização profissional.

Paralelamente à luta pela institucionalização, desenvolvia-se um debate a respeito da formulação dos conceitos delimitadores do folclore como uma ciência, o que

dependia da libertação do folclore em relação à literatura e à história, que tradicionalmente absorviam o pensamento sobre a cultura popular, mas a tarefa foi em muitos pontos inglória. Além da pesquisa requisitou-se a participação das escolas como instrumentos de preservação e disseminação do folclore, acreditando-se que o caráter intervencionista e "artificial" dessa medida seria compensado pelas possibilidades de vivência "real" do folclore nas festas e brincadeiras infantis, fomentando a exclusividade, o engajamento na defesa de tradições ameaçadas e a formação de um senso de "fraternidade folclórica", como queriam Renato Almeida e outros que viam o movimento quase como uma missão sagrada.

O movimento folclórico brasileiro produziu enfim um projeto paradoxal de ciência, na qual não havia diferença marcante entre leigo e cientista, entre objeto e sujeito, entre participação efetiva e observação impessoal. Estas idéias e posturas tinham seus riscos e contradições, e deram margem a críticas que alegavam que a interferência ativa do Estado na interpretação e no fomento do folclore servia como uma cortina de fumaça para esconder problemas sociais apresentando-os como realidades folclóricas.

A cultura e o folclore brasileiro expressados através dos folguedos populares

Os folguedos populares são as maiores expressões da cultura popular e do folclore brasileiro. Embora ocorram em quase todo território brasileiro, é no Nordeste que se fazem mais presentes como sinônimo de cultura popular. Os folguedos são festas populares de espírito lúdico que se realizam anualmente, em datas determinadas, em diversas regiões do Brasil. Algumas têm origem religiosa, tanto católica como de cultos africanos, e outras são folclóricas. O folclore brasileiro, segundo o Capítulo I da Carta do Folclore Brasileiro, é sinônimo de cultura popular brasileira, e representa a identidade social da comunidade através de suas criações culturais, coletivas ou individuais; é também uma parte essencial da cultura do Brasil em seu todo.

A partir da década de 70 o folclorismo nacional definitivamente se institucionalizou e recebeu conformação conceitual sólida, sendo composto por contribuições das mais variadas, com destaque para a portuguesa, a negra e a indígena, e tendo raízes imemoriais. O folclore do Brasil é rico e diversificado, sendo hoje objeto de intensificados estudos e recebendo larga divulgação, constituindo além disso

elemento importante da própria economia do Brasil pela produção e comércio de bens associados e o turismo cultural que fomenta.

A característica dos folguedos é a presença de música, dança e representação teatral. Grande parte dos folguedos possui origem religiosa e raízes culturais dos povos que formaram nossa cultura (indígenas, africanos, portugueses). Contudo, muitos folguedos foram, com o passar dos anos, incorporando mudanças culturais e adicionando, às festas, novas coreografias e vestimentas (máscaras, colares, turbantes, fitas e roupas coloridas). O folclore brasileiro é o rosto social e identitário de uma vasta população de cidadãos brasileiros, cada um deles possuindo sua própria história, e seus próprios referenciais culturais, pois nasceu em uma sociedade que constitui sua identidade como pessoa e como membro dessa sociedade. “O folclore compreende formas interpessoais ou grupos de manifestações culturais protagonizadas pelas classes subalternas”. Beltrão (2004, p.9).

O folclore é, digamos, o cenário, o enredo geral e o acervo de apetrechos dos quais depende o ator humano para desempenhar o seu papel vital, são os elementos criados pelo próprio ator e que não só estruturam e articulam a sua vida como em muito a define, justifica e até a pré-determina, pois muitos deles foram herdados de seus ancestrais, colorem a cultura onde ele vive e possuem força atávica, com raízes cuja antiguidade última se perde no tempo e transcende as fronteiras geográficas. Para Beltrão (2004, p.71) “Na comunicação cultural, as linguagens humanas se traduzem no discurso, ou seja, qualquer configuração de signos utilizados na inserção da mensagens simbólicas”.

O folclore expressa de maneira forte toda a cultura brasileira, que é de uma riqueza singular. Este folclore inclui: mitos, lendas, contos populares, ritos e cerimônias religiosos e sociais, brincadeiras, provérbios, adivinhações, as receitas de comidas, os estilos de vestuário e adornos, orações, maldições, encantamentos, juras, xingamentos, danças, cantorias, gírias, apelidos de pessoas e de lugares, desafios, saudações, despedidas, trava-línguas, festas, encenações, a gestualidade, associada à intercomunicação oral, artesanato, medicina popular, os motivos dos bordados, música instrumental, canções de ninar e roda, e até mesmo maneiras de criar, chamar e dar comandos aos animais.

O folclore brasileiro não se limita ao que vem do interior, inclui as expressões próprias da vida em cidades, lendas urbanas, os reclames dos vendedores de rua, os

símbolos, modelos de arquitetura e urbanismo vernáculos. As festas, folguedos e manifestações mais populares do folclore brasileiro são : as lendas do curupira, do saci pererê e da mula sem cabeça; o carnaval, as farras de boi, as festas juninas, as cavalhadas, a festa do divino e o pastoril , dentre outras folguedos populares e manifestações culturais.

A representação cultural e religiosa no nordeste do folguedo popular pastoril

O Pastoril chegou ao Brasil através dos portugueses, ainda no século XVI, e fixou-se no Nordeste, onde é encontrado em todos os Estados. O folguedo popular presta homenagem ao nascimento de Cristo, sendo o seu repertório centrado no aviso dado pelo anjo Gabriel aos pastores sobre a chegada do Redentor Jesus cristo, e na caminhada de José e da Virgem Maria, juntamente com o menino Jesus, até à manjedoura. “Assiste-se ao folguedo durante o ciclo natalino, que atravessa o mês de dezembro, indo até seis de janeiro, dia dos Reis Magos” Cascudo (1972, p. 64). Nesta data, as festividades natalinas encerram-se com a Queima da Lapinha.

Como dança dramática religiosa o pastoril é geralmente encenado diante do Presépio, que pode ser representado em painéis pintados, montagem de cenário com figuras de barro, de madeira e outros materiais, até figurantes de verdade. No começo do século os grupos que cantavam vestiam-se de pastores e ocorria a presença de elementos para uma nota de comicidade, o velho, o vilão, o saboio, o soldado, o marujo e etc . Os pastores foram evoluindo para os autos, pequeninas peças de sentido apológico, com enredo próprio, definidos em episódios que tomavam a denominação quinhentista de jornadas. No Nordeste os pastoris são cordões feitos em geral aos sábados do Natal ate as vésperas do Carnaval. “O que tem maior significado no pastoril e o constitui ,são as pastoras, os elementos básicos na função coro e são tomadas como personagens” Cascudo (1972, p 64).

Há grupos que enriquecem seu pastoril com adição de falas e personagens, tornando-o um verdadeiro auto, levado ao palco em três atos, com a participação de figuras como Satanás, Libertina, Monge e Anjo Gabriel, além de infalíveis pastoras, Diana, Pastor e Sagrada Família. Hoje em dia, como no passado, ainda se mantém o mesmo processo dos autos, apresentação dos figuras, loas ao público e despedido no final, tudo cantado e dançado e no Norte e Nordeste era comum a produção literária

laudatória ,onde os melhores poetas locais faziam desafios alocando o cordão adversário ou elogiando o que eles torciam ou simpatizavam. Um pouco antes do fim da apresentação há o leilão das prendas, frutas, flores e trabalhos manuais oferecidos pelas mestras e pastoras, acirrando a rivalidade entre os partidários dos cordões azul e do cordão encarnado.

As pastoras são divididas em duas filas paralelas, uma chamada de cordão azul e outra de cordão encarnado. As pastoras cantam contos, louvações, loas entoadas diante do Presépio na noite de Natal, utilizam para marcar o ritmo durante as canções os pandeiros, e são acompanhadas por uma orquestra de corda com :violão, cavaquinhos e também com um instrumento de sopro solista , dependendo dos recursos do grupo. As letras dos versos cantadas pelas pastorinhas são de autoria de poetas conhecidos na Bahia e em Pernambuco, mas há “bailes”,(autos) ,sem autoria identificadas, muitas delas com mais de cem anos.

Considerações finais

Após todo estudo que foi feito , tendo como base a cultura popular, concluo que a representação cultural e religiosa do pastoril no Nordeste é muito importante , isto devido a riqueza de elementos culturais e religiosos que compõem este folguedo. O Pastoril nasceu de dramas litúrgicos da natividade, representados na igrejas , nas quais se assistia ao nascimento de Jesus, ao aviso aos pastores, a adoração dos magos e a oferenda de incenso, mirra e ouro e por fim a mensagem dos anjos aos reis para não irem ao palácio de Herodes.

Um aspecto presente no pastoril que comprova a sua referencia e importância religiosa é o sentido do nome “cordão”, que são as duas filas de pastoras que se diferenciam pelas cores azul e encarnado, a qual denuncia a influencia da dança e musica profana carnavalesca. As cores azul e encarnado significam as cores votivas de Nossa Senhora e de Nosso Senhor.

A religião popular enquanto catolicismo rural, herdada do Instituto do Padroado e da noção de cristandade caracteriza-se pela presença marcante dos leigos como estimuladores da vida religiosa: irmandade, romarias, devoções procissões, seitas , festas e manifestações populares folclóricas como os folguedos populares, nesta pesquisa o pastoril.

O pastoril resiste aos tempos, resiste a influencia da mídia , e por intermédio da Folkcomunicação deve continuar sendo apresentado como um auto no período natalino, através da força de seus agentes e atores que também devem passar esta herança cultural para suas futuras gerações , pois desta forma a cultura não desaparece ou morre, ela permanece viva dentro do grupo e continua os representando, como um sinônimo de tradição.

Referências

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é Cultura Popular**. 14 ed. São Paulo. Editora Brasiliense, 1998.

BORDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BOSSI, Alfredo. **A Dialética da Colonização**: São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

_____. **Cultura Brasileira: Termos e Situações**: 2 ed. São Paulo: Ática, 1992.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Pref. De Antônio Balbino. 3 ed. rev. e aum.- Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1972.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas**. São Paulo. Cortez Editora, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LUIZ, Beltrão. Folkcomunicação: **teoria e metodologia**/Luiz Beltrão de Andrade Lima. São Bernardo do campo. UESP, 2004.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura e artes do pós-humano**: da cultura das mídias a cibercultura, Lúcia Santaella; [COORDENAÇÃO Valdir Jose de Castro]- São Paulo: Paulus, 2003.

_____. **Cultura das mídias**. São Paulo: Experimento, 2000.

Ciberliteratura:

http://www.revistacontinente.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1417&Itemid=62

<http://www.suapesquisa.com/folclorebrasileiro/folgedos.htm>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Folclore_brasileiro